



MEMÓRIA: SOBREVIVÊNCIA DO PASSADO (MEMORY: SURVIVAL FROM THE PAST)

Annilma Beatriz da Silva e
Vanessa Cantarino Borges
(Universidade Federal de Uberlândia)

ABSTRACT: We intend to analyse how the matter of memory is worked on in “Mimi-Nashi-Oichi” the short story and “Gabbeh” movie. Memory is essential in the construction of narrative because it’s responsible for organizing the past experiences and keeping them alive.

KEYWORDS: *memory; history; narrative*

De acordo com Ecléa Bosi (1987, p. 48): “a memória é o conhecimento do passado e sua função é organizá-lo, mantê-lo vivo e presente quando necessário.”

Partindo dessa perspectiva, pretendemos analisar, comparativamente, o modo pelo qual a memória é trabalhada em duas produções artísticas diferentes: o conto “Mimi-Nashi-Oichi”, de Valêncio Xavier, e o filme *Gabbeh*, de Mohsen Makhmalbaf.

Para a obtenção de algumas informações sobre os dois escritores acima citados, faz-se necessária uma breve biografia.

Valêncio Xavier, escritor do conto, nasceu em São Paulo, mas sua trajetória é curitibana. É considerado um daqueles talentos que permanecem muito tempo conhecidos apenas por um círculo de leitores, os familiarizados com a chamada literatura *cult*. Suas obras são escritas numa linguagem rica e complexa. O conto a ser analisado, publicado em 1986, faz parte do volume *O mez da gripe e outros livros* (1998), que é tido como uma contribuição importante para o encontro de um caminho para a literatura em convívio com as demais linguagens do mundo moderno.

Mohsen Makhmalbaf, escritor do filme, nasceu numa região pobre de Teheran, no Irã, em 1951. Entre os objetivos que ele proclamava para a organização de seus filmes estava a apresentação da ideologia islâmica através da mídia artística. Porém *Gabbeh*, comparado aos sinais muito agitados e irônicos dos filmes anteriores de Makhmalbaf, é límpido e cheio de confidências. Tem-se, nessa produção, o uso deslumbrante de cores, imagens e sons que transmitem uma visão lírica da vida nômade no sudeste do Irã, fazendo deste um dos cenários mais belos.

No conto “Mimi-Nashi-Oichi”, de Valêncio Xavier, uma mulher narra a outra pessoa um conto que ouviu de sua avó quando era pequena. Trata-se da fábula de um jovem noviço japonês que contava histórias maravilhosamente bem sobre experiências vivenciadas por seus antepassados. E devido ao seu dom de narrar, ficou conhecido por todos que moravam na região, inclusive pelos samurais-fantasmas. Estes buscaram-no no templo e levaram-no ao cemitério para que ele pudesse contar a história da guerra de



Dan-No-Ura, batalha esta que teria sido o motivo da morte de tais samurais. O abade, descobrindo o motivo de suas saídas noturnas, percebe que o jovem cego havia sido enfeitiçado pelos fantasmas dos mortos na guerra. Protegeu-lhe, então, o corpo com as palavras de buda, tornando-o invisível aos demônios. Os fantasmas, furiosos, arrancaram as orelhas de Oichi, que eram as únicas partes visíveis e levaram-nas para seus amos. Curado, Mimi-Nashi-Oichi, após viver essa desventura, tornou-se monge e viveu ainda muitos anos para contar sua própria estória fabulosa.

Já, no filme de Mohsen Makhmalbaf, gabbehs são os tapetes tecidos pelos membros de um clã nômade nos quais são registrados os acontecimentos primordiais da vida dessas pessoas. Gabbeh é também o nome da jovem que assiste à discussão entre um velho casal acerca do passado deles, enquanto lavam um gabbeh. Este trazia a estória de dois jovens que haviam se apaixonado e, por ser impedida de casar, a protagonista, Gabbeh, resolve fugir com seu amor. No momento em que os velhinhos lavavam o tapete, apareceu, de repente, a jovem. Os três começaram, então, a relembrar tudo o que aconteceu dentro do clã: Gabbeh, impedida pelo pai de se casar com seu grande amor, com a ajuda de seu tio, foge com seu amado. E por isso, essa fuga é retratada no tapete por ela. É através deste tapete, que Gabbeh e seu marido guardaram durante toda a vida, que foi possível memorizar essa fascinante estória.

Após um rápido relato das duas obras, como a questão da memória é empregada em cada uma?

No conto “Mimi-Nashi-Oichi”, a memória proporciona que estórias alheias sejam memorizadas para que depois, as mesmas sejam contadas de geração a geração, ou seja, a arte de contar estórias está diretamente ligada à memória, quer de quem conte, quer de quem ouve.

“Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também faz com que estas últimas ocupem todo o espaço da consciência.” (BOSI, 1987, p.09)

Percebe-se, claramente, que tanto no conto como no filme, a memória exerce papel fundamental, pois Oichi não teria o dom de contar estórias sem antes memorizá-las e o casal de velhos não conseguiria manter vivo o passado sem ela. Ora, como disse Ecléa Bosi (1987, p.15): “o princípio central da memória é a conservação do passado que sobrevive, quer chamado pelo presente sob formas de lembrança, quer em si mesmo em estado inconsciente.”

Em ambos, a memória é ativada através das lembranças, mas que, distintamente, é trazida para a realidade dos momentos relevantes da vida dos personagens.

No conto, os samurais-fantasmas puderam renascer no momento em que Mimi-Nashi contou-lhes a história da batalha de Dan-No-Ura. Por meio da memória, que o jovem noviço explicita na arte de narrar, propriamente dita, é que os samurais tiveram a possibilidade de relembrar aquele drama que tinham vivido no passado.

Já o filme retrata que a vida nômade das pessoas daquele clã iraniano, somente tem fundamento se tecida em um gabbeh, que representa, implicitamente, uma narrativa pictórica, significando, assim, a memória das pessoas que os teciam.



“A reminiscência funda a cadeia da tradição, que transmite os acontecimentos de geração em geração.” (BENJAMIN, 1994, p.211). Com estas palavras fica evidente que a reminiscência, que é a conservadora da memória, está presente tanto no ato de Mimi-Nashi-Oichi contar estórias como na tradição do gabbeh do clã nômade.

Stern concilia a suposição de que existe uma memória “pura”, mantida no inconsciente, com a suposição de que as lembranças são refeitas pelos valores do presente. (STERN; apud BOSI, 1987, p.29)

No filme *Gabbeh*, a jovem, que aparece no instante que o casal de velhos começa a relembrar os fatos, tem em sua memória a essência pura dos fatos que marcaram sua vida. E estes, quando são recordados e narrados pelos velhos, já sofreram modificações.

No conto, os samurais-fantasmas são aqueles que possuem a “memória pura”, pois viveram a batalha. Mimi-Nashi ouviu esta história de alguém, memorizou-a detalhadamente e começou a contá-la.

Nota-se com tudo isso que “a memória pode percorrer um longo caminho de volta, remando contra a corrente do tempo.” (BOSI, 1987, p.342)

O mais interessante é que nessas duas obras analisadas a memória é preservada através da arte, sendo, no conto, pelo dom que Oichi tem de contar estórias (arte de narrar), enquanto que, no filme, pelos gabbehs, considerados verdadeiras obras de arte artesanais.

Sem memória não se tem estória, pois como disse Ecléa Bosi (1987, p.29): “a narração da própria vida é o testemunho mais eloqüente dos modos que a pessoa tem de lembrar. É a memória.”

Tanto no conto como no filme a memória é essencial na vida das pessoas, pois sem ela, os caminhos para se chegar ao passado e às lembranças seriam bloqueados.

Através da memorização, as estórias reproduzem-se de geração a geração, originando muitas outras, cujos fios se cruzarão, prolongando o que é original (as estórias reais da vida) e mantendo sua essência. E como dizia Benjamin (1994, p.210): “a memória é a mais épica de todas as faculdades.”

RESUMO: O que pretendemos analisar no presente artigo é o modo como foi trabalhada a memória no conto “Mimi-Nashi-Oichi” e no filme *Gabbeh*, considerando-se que a memória é fundamental na tessitura da narrativa, pois sua função é organizar e manter vivo o passado.

PALAVRAS-CHAVE: memória; história; narrativa

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENJAMIN, Walter. O Narrador. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994. p.197-221.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.



XAVIER, Valêncio. Mimi-Nashi-Oichi. In: *O mez da gripe e outros livros*.
São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p.195-202.

REFERÊNCIA CINEMATOGRAFICA

MAKHMALBAF, Mohsen. *Gabbeh*. Irã, 1982.